

“CIÊNCIA TAMBÉM É PARA MULHERES” - UM DEBATE SOBRE A TRAJETÓRIA DE PESQUISADORAS BRASILEIRAS NO VII SIMPÓSIO DE BIOTECNOLOGIA

**VITÓRIA HIRDES GLENZEL¹; ALEJANDRA SANCHEZ CHEQUER²;
DARLING DE ANDRADE LOURENÇO³; GIULIANA DE AVILA
FERRONATO⁴; ISADORA LEITKE GUIDOTTI⁵; PRISCILA MARQUES
MOURA DE LEON⁶**

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – Centro de Desenvolvimento Tecnológico (CDTec),
Biotecnologia - vitoriaglenzel@gmail.com

²UFPEL – CD Tec, Biotecnologia - alejandrasanchez2496@gmail.com;

³UFPEL – CD Tec, Biotecnologia - darlinglourengo@gmail.com;

⁴UFPEL – CD Tec, Biotecnologia - giulianaferonato@hotmail.com;

⁵UFPEL – CD Tec, Biotecnologia - leitzke.gi@gmail.com;

⁶UFPEL – CD Tec, Biotecnologia - primleon@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O tema “mulheres na ciência” tem ganhado cada vez mais visibilidade no Brasil e no mundo (www.mmwiss.org). Atualmente, o número de mulheres nas universidades de diversos países, incluindo o Brasil, é superior ao de homens (51%/38% BBC NEWS, 2019), e a porcentagem de mulheres presente em grupos de pesquisas é de 51% enquanto que de homens é de 48,9%. Entretanto, quando se fala em cargos de liderança em grupos de pesquisa, 53,4% é ocupado por homens, e 46,6% por mulheres (CNPQ, 2016). Já se tratando de produção científica, um estudo realizado pela editora Elsevier, demonstrou que, atualmente, as mulheres publicam cerca de 49% dos artigos produzidos no Brasil, enquanto que entre os anos 1990-2000 a produção era de apenas 38%, demonstrando o avanço obtido (SCOPUS, ELSEVIER, 2015).

O que pode ter corroborado para que as mulheres demorassem mais para avançar no âmbito científico? Por que elas não ocupam ainda tantos cargos de liderança? Evidentemente, a falta de esforço ou capacidade para lidar com questões científicas não é a resposta, como por muito tempo se acreditou (KELLER, 2006). Através da análise de transcritos antigos ou da história da ciência, podem ser encontrados diversos estudos que foram publicados por mulheres ou tiveram a participação delas. Sendo assim, historicamente falando, as mulheres sempre estiveram na mesma corrida que os homens, porém, para elas os obstáculos sempre foram dobrados.

Diversas iniciativas foram criadas no Brasil e no mundo para que as mulheres tenham maior visibilidade e igualdade na ciência. Dentre essas, é possível citar o “Prêmio L'Oréal Para Mulheres na Ciência” em parceria com a UNESCO; iniciativas de blogs como o Mulheres na Ciência (mulheresnaciencia.com.br); programas de extensão como o “Meninas na Ciência” (<https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/>) iniciativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que visa tornar a ciência mais atrativa para jovens meninas; livros que possuem o objetivo de divulgar mulheres cientistas e inspirar jovens garotas, como o livro “As Cientistas: 50 Mulheres que Mudaram o Mundo”, de Rachel Ignotofsky, 2017. Também, podemos citar eventos como o do Instituto Butantan, no Dia Internacional da Mulher de 2019, que realizou uma homenagem

às mulheres que contribuíram com a pesquisa do instituto, como Jandyra Planet do Amaral, que trouxe a vacina da BCG (Bacilo Camette-Guérin) para o Brasil e intensificou a produção e distribuição da vacina da difteria.

Seguindo estes exemplos e percebendo o quão importante é falar e fomentar o assunto “mulheres na ciência” no âmbito acadêmico, foi que a equipe do VII Simpósio de Biotecnologia teve a iniciativa de trazer para o evento a mesa redonda “Ciência também é para mulheres”. A mesa redonda foi idealizada com a finalidade de demonstrar o trabalho e trajetória de pesquisadoras brasileiras, demonstrando como é o cenário para mulheres na ciência e também inspirando jovens pesquisadoras que estão no início de sua carreira. Com isso, este trabalho tem como objetivo relatar como se deu o planejamento e a organização da mesa redonda “Ciência também é para mulheres”, bem como a repercussão que a mesma gerou dentre os participantes do VII Simpósio de Biotecnologia. Além disso, visa demonstrar a importância de debates feministas dentro do ambiente científico e acadêmico, ressaltando áreas como a Biotecnologia, onde assuntos do ramo são poucos debatidos.

2. METODOLOGIA

A mesa redonda “Ciência também é para mulheres” foi uma novidade no “VII Simpósio de Biotecnologia: Integração entre Graduação e Pós-Graduação”. O planejamento e a organização se deu pelo grupo de alunos responsáveis pelas palestras do Simpósio, contando com o apoio das 3 professoras responsáveis pelo evento. O primeiro passo se deu em decidir qual o tema a ser abordado e como ocorreria a seleção das participantes. A escolha da mediadora, e das professoras chamadas para a mesa foi realizada por indicação dos alunos e disponibilidade das mesmas. O segundo passo foi elaborar um roteiro de apresentação e temas a serem abordados, além de determinar tempo e escolha das perguntas a serem realizadas durante a mesa.

O roteiro focou em elaborar perguntas para que a mediadora da mesa pudesse fazer às participantes, desta forma organizando a discussão promovida. Ao início do debate, foi dado um tempo para que cada pesquisadora contasse um pouco de sua trajetória ao público. As colocações e a pergunta que norteou o debate foi a seguinte: As mulheres ainda são minorias em cargos de lideranças de laboratórios e institutos de pesquisa. Além disso, um dado de 2018 nos mostra que dos membros da Academia Brasileira de Ciência, apenas 14% (72 de 518 membros) são mulheres. Por que, na opinião de vocês, as mulheres não estão chegando nos cargos mais altos dentro do âmbito científico no Brasil, sendo que produzem metade da ciência brasileira?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Notavelmente que discutir sobre o tema “mulheres na ciência”, tal como igualdade de gêneros, é de extrema importância. Como resultado do debate, podemos citar a própria discussão gerada no momento do evento, que deu continuidade aos temas expostos pela mediadora da mesa. Em resposta à pergunta da mediadora, devido à diferença de faixas etárias, vivências e personalidades das pesquisadoras presentes, obtivemos diferentes respostas. As pesquisadoras convidadas trouxeram dados demonstrando que a desigualdade de gêneros na ciência é real e, que devido às mulheres terem mais obrigações e

terem começado mais tarde na história a fazer ciência, essa desigualdade se acentua até hoje. Foi abordado que não é por falta de competência, interesse e esforço que as mulheres não obtêm ascensão. Elas destacaram ainda que a maioria das mulheres, sejam cientistas ou não, possuem uma jornada dupla de trabalho, diferentes dos homens, pois as mesmas possuem mais responsabilidades com a casa e os filhos do que seus cônjuges. Uma das pesquisadoras chegou a comentar que ao chegar em casa ainda “precisa cuidar de seu marido”. No entanto, uma das pesquisadoras mencionou acreditar em meritocracia acadêmica, e não na desigualdade de gêneros.

Além disso, dois questionamentos bem pertinentes da plateia foram feitos: se as pesquisadoras presentes se consideravam feministas? E se elas acreditam que ainda exista uma barreira étnico-social impedindo que mulheres negras e de baixo poder aquisitivo entrassem para a ciência? Em resposta a primeira pergunta, algumas se consideram feministas com orgulho, outras admitiram que ainda precisam evoluir e aprender mais com as novas gerações empoderadas de mulheres, mas que reconhecem que o feminismo é muito importante, e que é um processo pelos quais as mulheres vão aderindo com o passar de suas vivências. Quanto à segunda pergunta, era se todas concordavam que existe um abismo social em nossa sociedade que impede que mulheres negras e mais pobres atinjam certos patamares em suas carreiras, principalmente na ciência? Algumas pesquisadoras comentaram iniciativas como a da mesa redonda, que na sua visão ajudam a diminuir esses abismos. Contudo, não souberam responder como podemos, de forma efetiva, diminuir o abismo étnico-social e de gênero na ciência, mas argumentaram que a desigualdade social em nosso país como um todo corrobora para que isso ocorra.

Visto isso, podemos destacar dois pontos principais que demonstram a razão pela qual ainda não existe igualdade de gêneros tanto no âmbito científico quanto em diversos meios (CARVALHO; CASAGRANDE, 2011). O primeiro ponto são os costumes patriarcais que corroboraram para uma sociedade machista. Houve um tempo em que as mulheres eram proibidas de obterem acesso à informação e cultura, não podiam frequentar bibliotecas, centros culturais, locais de discussão científica e muito menos universidades (PEREZ SEDENO, 2011; SCHIEBINGER, 2001). Com o advento das revoluções feministas, que tiveram diversos marcos ao longo da história, o cenário foi mudando, não só para mulheres na ciência, mas para inserção da mulher na sociedade como um todo (KELLER, 2006). O segundo ponto é relacionado à cultura de que a mulher deve executar as tarefas caseiras e ser dedicada aos filhos e ao marido. Pode-se observar que a dupla jornada de trabalho das mulheres ainda hoje têm demonstrado que, apesar do êxito que os movimentos feministas tiveram em inserir a mulher no mercado de trabalho e em áreas que antes eram ocupados somente por homens, ainda há muito a ser feito.

4. CONCLUSÕES

Com a realização da mesa redonda “Ciência também é para Mulheres” no VII Simpósio de Biotecnologia, abriu-se um espaço importante para a discussão dessa temática, que é muito atual e necessária dentro da academia. Além disso, foi possível conhecer melhor o pensamento de pesquisadoras de diversas idades e de diferentes áreas, sendo possível aprender muito com elas e com seus posicionamentos. Esse também foi um momento muito inspirador dentro do

evento para as mulheres e principalmente para as jovens cientistas, diante de carreiras tão brilhantes e muito promissoras. Com isso, os assuntos abordados foram de extrema relevância, visto que esse é um passo de reconhecimento das mulheres na ciência, sendo importante até mesmo para as que não estavam no evento. Assim, essas ações devem continuadas, sempre com mais discussões que estimulem maior visibilidade das cientistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 20-35, dez. 2011.

CNPQ. **Censo atual**. 2016. Acessado em 11 set. 2019. Online. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/censo-atual/>

ELSEVIER. Gender in the Global Research Landscape. 2015.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cad. Pagu**. Campinas, n. 27, p. 13-34, Dec.2006.

Paula Adamo Idoeta. **Mulheres são maioria nas universidades brasileiras, mas têm mais dificuldades em encontrar emprego**. BBC News Brasil. São Paulo, 10 de set. de 2019. Acessado em 13 de set. de 2019. Online. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49639664>

PEREZ SEDEÑO, Eulália. Mujeres pioneras en las ciencias: una mirada a la realidad em iberoamerica. In: CARVALHO, Marília Gomes de. **Ciência, Tecnologia e gênero: abordagens iberoamericanas** (org.). Curitiba: UTFPR, 2011. p. 213-232.

MMWISS. **Women In Science Symposium**. Acessado em 13 set. 2019. Online. Disponível em <https://www.mmwiss.org>

SCHIEBINGER, Londa. O feminismo mudou a ciência? Bauru: **EDUSC**, 2001. [original em inglês: Has feminism changed science? Cambridge, Harvard University Press, 1999].